



*A Trombeta e:cutai dos Lusitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!*

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Quem não vir, ponha oculos.

Está definitivamente resolvido o problema do Congresso de Verona. Os poderosos Aliados, como se sabe, posarão ao arbitrio da França o *ultimatum* dos negocios politicos da Peninsula. Agora desejavamos saber como os governos de Portugal, e Hespanha se conduzem nesta conjunctura; isto he, se negoção primeiro amigavelmente com a França ou se decididamente abração o partido da guerra, sem procurar evitala. A Hespanha, dizem que se acha em negociação com ella; porem em quanto a Portugal, não consta que tenha tomado interesse algum nesta negociação; salvo se a Hespanha está encarregada de nos advogar como parte integrante. Dizem que a base essencial da negociação entre as duas Potencias, consiste sobre hum modificação na Constituição da Peninsula, proposta pela França, e que admitida ella, cessaria a França, assim como as demais Potencias suas alliadas, de nos perseguirem, ou incomodar. Porem tãobem se acrescenta que a Hespanha não admite por principio algum essa proposição, e que antes quer tentar a sorte das armas, e expor-se a qualquer resultado funesto, do que bulir n'hum só artigo da sua liberal Constituição. E quem não dará razão á Hespanha! vale mais sustentala illeza, purissi-

ma, e leberalissima, como ella he, a pezar aos pezares, do que passar pelo desdouro de lhe fazer alguma emenda, que não corresponda ás *ideias do seculo!* . . .

Sabemos com certeza, que o exercito Francez, acaba de receber consideraveis reforços, e o titulo de = Exercicio D'Hespanha = Lambem podemos asseverar, que a esta hora em que escrevemos, ou se acha concluido hum *ultimatum* amigavel, ou os Francezes se movem ja porterras d'Hespanha Mas neste ultimo caso, a Peninsula mostrará o que he, assim como o mostrou em 808. Far-se-lhe-ha em postas todo esse miseravel exercito de crianças, e hiremos de pois triunfantes dar em Pariz huma Constituição á desgraçada França, e de lá mandaremos hum destacamento de milicias a Verona, queimar, e salgar aquelle pardieiro, onde se deliberou contra os Constitucionaes; e se apertarem muito comnosco, hiremos queimar Vienna, destruir Berlin, e saltar Petersburgo. Oh! que miseravel sorte, não espera esses trez potentados! nem nos confins da Siberia nos hão-de escapar! Que elles tremão. Todos nós tomaremos as armas, e não ficará Frade, nem Cura, que não vá com o seu espeto acometer esses cães, e dar-lhes a Lei; (Constitucional ja se sabe;) porque esta guerra he muito mais nacional, que a passada.

Parece-nos que ja estamos vendo a fradaria armada de espada, e adagã, marchando contra o inimigo comum; a nobre-

za enthusiasmada apresentando-se em campo, armando, e fardando corpos á sua custa; o commercio offerecendo extraordinarios subsidios, os proprietarios offertando os seus generos &c. Então os nossos exercitos completos de toda a sua força, bem pagos, e bem armados, com hum segundo Wellington á sua frente, levarão de rojo diante de suas baionetas tudo quanto ousar encaralos.

Nós temos todos os meios necessarios á nossa disposição; o armamento está ja encomendado, e dinheiro não falta, porque em Portugal, ainda ha muita gente que o tenha. Embora nos digão o contrario: porque isto he huma verdade tão conhecida, que ja foi enunciada pelo illustre Borges Carneiro na Sessão de 16 do corrente.

A' vista disto quem poderá duvidar, de que o exercito Francez vem ter hum tragico fim na Peninsula? Aquelles Gallos não se querem acabar de desenganar de que a Peninsula he o sepulcro natural de seus exercitos? forte demencia! Porem elles, se forem espertos, ainda tem hum recurso para evitar a cathastrofe que os espera; he unir-se aos Constitucionaes, e fazerem com elles causa comum, para hirem depois todos juntos destruir o governo despotico da França. Isto mesmo acontecerá simultaneamente aos demais exercitos da Europa, que forem nossos inimigos.

Como não somos ambiciosos da gloria alheia, mas sim admirador, declaramos, que estas sublimes ideas politicas não são nossas, mas sim do mesmo illustre Senhor Borges Carneiro, na mesma Sessão. Ellas forão adicionadas, e esclarecidas pelo conspicio, e honrado Senhor Serpa Pinto, que he hoje hum dos bellos adornos do nosso Congresso, e formidavel esteio do systema Constitucional.

Será para deplorar se este bravo, e intelligente militar se não aproveita para guiar as futuras operações do Exercito; ou quando menos ter o comando em segundo; porque então he que de certo se não poderia temer hum máo resultado. Velo-hia-mos cheio daquelle valor natural que o distingue, dar consigo em Verona, e depois de a reduzir a poeira, deixar hum padrão ás gerações futuras, que attestasse as suas gloriosas façanhas, por meio desta simples legenda: *Aqui debekou Serpa o Despotismo!*

Não vertão os nossos leitores o ve neno ironico neste leve bosquejo de hum tão hon-

rado varão, que elle merece ainda muito mais! . . .

~~~~~  
*He, ou não he.*

Alguma cousa dissemos em nosso N. 15 á cerca da doutrina que o Sr. Deputado B. C. expendeu na Sessão do dia 11 do corrente, toda conforme com as verdadeiras idéas liberaes do tempo. Hoje temos hum mais vasto campo, para fallar sobre o mesmo objecto, que o mesmo Sr. B. C. nos franqueou na Sessão de 16, na qual, com muita mais evidencia explanou o seu modo de pensar. Eis aqui o que elle nos diz, em o longo discurso que recitou naquella Sessão:

" Ai de quem atacar a grandeza da Peninsula! a guerra será de morte, e de pois de ganhada a superioridade contra os agressores, quero dizer, a das nações contra esses tyranos, não se hão de depôr as armas, *sem se lhe acabar a casta*: não ha-de ser o fazelos emigrar para *Co-blentz* e para *Lilla*, para depois algum dia regressarem a dar outra vez cabo das liberdades Francezas, rodeados de fauaticos, hypocritas, e ambiciosos: está provadissimo que são inimigos irreconciliaveis das nações, e que não conhecem outra medida, se não a da sua ambição: por tanto *se banirá de huma vez tal raça*, e sobre as ruinas della se levantará a gloriosa dynastia do Sr. D. João VI. "

Caspite, Sr. B. C.; agora sim, he que pode ter a vaidade da *invenção*, porque esta idéa, he, como se diz, novinha do *trinque!* vamos por partes: *Ai de quem atacar a grandeza da Peninsula!* he o que nós ja dissemos; os homens metem-se em boa, o mais afoito segurador Inglez não dá hum chelin por todos os exercitos, que cahirem na corriola de entrar em Hespanha. Como não ficarão estrumadas as terras, com *tant de miserables guerriers!* *A guerra será de morte.* Aqui he que o Sr. B. C. não vai muito coerente, porque na outra Sessão disse que os exercitos francezes, entrando em Hespanha, farião causa com os liberaes, e não haveria nada; e agora diz, que ha de ser guerra de morte; naturalmente já recebeu noticias posteriores. *Não se hão-de depôr as armas sem se lhe acabar a casta.* Ora eis aqui o que nós sempre tememos, por compaixão daquelles infelizes? estava visto, se chegãõ a aticar as nossas iras,

levava belzebú quantos Reis tem a Europa! e então com quem elles se metterão! com o Sr. B. C., que só de huma marrada mata sete.

E que gloriã será a de Portugal, vendo a Augusta Dynastia do Sr. D. João VI. ocupar todos os thronos da Europa! agora he que o *Bandarra*, e o *preto do Japão*, ficarão a hum canto! *não ha-de ser ofazellos emigrar para Coblentz, e para Lilla*. Isso por modo nenhum; he abafalos logo, e guilhotina com elles. E ainda haverá algum *corcunda* que deixe de admirar esta sãbia, e prudente medida? só assim he que os povos pódem ser felizes, vendo acabar os Reis na guilhotina, para gozarem depois a rego cheio das d'çuras e humanidade do *puro liberalismo*! então he que os Borges Carneiros hão de regenerar perfeitamente a especie humana, e ellevalla ao mais sublime gráo de perfeição, que se possa imaginar. Ora digão agora, que o Sr. B. C. não he hum consumado *patriota liberal*. Ah! que se o Congresso fosse todo composto de tão eminentes patriotas, já ha muito que a nossa regeneração estaria completa! *Está provadissimo que são inimigos irreconciliaveis das nações*. Provadissimo mathematicamente. Pois a quem deve Portugal, desde o Conde D. Henrique as suas continuadas desgraças? quem perdeu a bella França senão os seus Reis? quem sepultou a Russia na miseria, e na desgraça, se não Pedro I.? Quem assolou, e destruiu a nossa comadre Hespanha, se não o anti-constitucional Carlos V.? nada, esta gente não serve ao Sr. B. C., e por tanto não serve ás Nações, he escusado existir: *pois desfaçamo-nos delles, e acabe-se com tal raga*. E se assim o quer, e determina o Sr. B. C. que remedio terão os povos senão adherir á sua justa vontade?

Dizem os inimigos de huma seita oculta, ramificada hoje por todos os cantos, que ella tem por objecto primordial, a destruição da Realeza, e da Religião; pois nós assentamos que he pelo contrario, e que só pertendem fazer apurar cada huma, o mais que lhe seja possivel. Não ha gente mais amiga destas duas instituições, que aquelles *veneraveis* sectarios; e se não oução quanto elles estão prégando ha tempos, e colher-se-ha huma irrefragavel prova dos lindos sentimentos que os animão.

Continuação do Dialogo inserido em o N.º 16.

GONS. A tanto não desejo eu chegar; pois olha que em artigo *pouca vergonha*, não me deitas muito a barra adiante. Mas deixemo-nos de paralelos. Zé, a coisa vai mal; nós estamos sem credito, e os homens não cessão de embirrar comigo!

ZE. Mais embirão elles comigo; mas eu rio-me disso. Olha em quanto o Bernardo empunhar o chuço, nada temo.

GONS. Sim, isso assim parece; mas o Bernardo he fraco como huma abóbora; se vir a cousa com má cara, mirra se, e deixa-nos na ratoeira.

ZE. Então tu não tens o negocio na mão? para que te metti eu de dentro? que tanto me custou!

GONS. E eu que diabo hei-de fazer nesse caso?

ZE. Podes fazer muito, que he arranjar huma desordem tão confuza, que nem a rival do meu chapelorio, isto he a torre de Babel, lhe chegue.

GONS. E para que?

ZE. Para que? está boa: para nos saudirmos frescos, nas agoas turbas.

GONS. O' Zé, tu estás com tentação do diabo; pois não vês que já te andão com o olho em cima do lombo; podes ter a certeza que não nos escapulimos assim como pensas.

ZE. Não temas; eu, e o José da sucia grande, já combinamos o plano; o cavallo de páo está prompto, e a metralha no paiz das batatas; ora depois que nos peguem.

GONS. Vocês ainda o pilhárão em bom tempo; mas eu que venho no fim da festa!...

ZE. Cala-te que ainda ha-de durar; não percas tu a occasião, e vai fazendo como eu fiz, enche-te, seja como fôr, e não estejas só atido ao saque final; não entres em preço, tudo o que derem faz conta.

GONS. E os malditos periodicos?

ZE. Deixa-os comigo Vou-lhes armar hum alçapão, que os hei-de abafar todos. La está o José disposto á cousa, e ella ha-de pegar.

GONS. Ou pegará, ou não; olha que ella he de costa acima, e os homens estão á lerta!

ZE. Bem sei; mas ha-de-se-lhe fazer a

deligencia, que a maior parte delles he huma inhiada de pateótas, e de fracos; estão já conhecidos. Não viste como o outro dia o José os fez callar, e levou a sua adiante? quem se calou a aquillo, he capaz de estar por tudo quanto se quizer, até por hum roubo de Igreja. Nada, nada, são camelos, e a cousa pega de estaca.

GONS. O' meu Zé, se tu chegas a arranjar isso, até te dou hum bejo . . . só para fazer calar aquella trombeta infernal, que nos atordea estes ouvidos. Depois ó meu Zé, he que nós ficamos em nossa quinta. Eu cá pela minha parte ponho tudo nú.

ZE. E eu em osso; olha os que escaparem de cá, lá te vão ter; e o resto larga a ultima gota nas mãos do Bernardo. Então he que elles hão-de ver ahi hum chape-lorio, que ha-de assombrar Lisboa. Tu já vistes a minha casaca de rabo de pega?

GONS. Qual, aquella que arrancha ás vezes com o chapéo de viado?

ZE. Enganas-te, he de carneiro marinho; mas deixemos para logo as modas. Então, dize-me, estás prompto a perder o resto dessa oppressora vergonha? estás conforme comigo a tratar de bagatella o mais peçonhento escarro que nos deitem na cara?

GONS. Já agora, *das almas nossas a nobreza he essa.*

ZE. Pois bem. Segue-me, anda a casa do José da sucia grande, para acabarmos de tratar como se ha-de pôr fóra aquella aristocrata, que tanto nos despreza.

GONS. Prompto. Mas olha que he preciso segredo, e rapidez, se não nada feito.

ZE. Deixa-a comigo. Ha-de hir fóra, ou eu não hei de ser Zé Reforço.

lar; logo depois se lhe ensina a lér, e escrever, e por tanto daqui lhe vem o direito natural de exprimir os seus sentimentos, e communicallos, por essa feliz invenção da escripta, que a sociedade ordenou que se lhe ensinasse. Quartar-lhe esta liberdade, he cahir em huma visivel contradicção; porque não tendo de se lhe deixar de fazer uso daquillo que se lhe ensinou, escuzado era ensinar-lho; e julgando-se hum mal para a sociedade o uso que se póde fazer da escripta, se deveria atalhar este mal em sua origem, destruindo-se a invenção, para que o homem nunca podesse ser ouvido senão daquelles que estivessem em sua presença. Porém, como isto entra na ordem dos impossiveis, cumpria aos ciosos de governar sem limites, adoptar huma medida, pela qual ficasse o homem impossibilitado de publicar seus pensamentos. Creou-se a censura; isto he, os governantes impozerão silencio aos governados, e só lhes premitirão, como especial favor, o pensar segundo as suas conveniencias, e caprixos. Nada ha mais tyrannico, nem maior atentado sobre os direitos do homem; o Creador o mandou falar, e o mesmo homem lhe impõem silencio!

Os governos livres, como mais aproximados, e reconhecedores do direito natural do homem, todos hão reconhecido este, jogando-o mesmo como base essencial de sua estabilidade. Os governos, onde este uso se acha estabelecido desde longos tempos, são sem dúvida aquelles que mais descansados vivem sobre a tranquillidade pública; nada os assusta, e nunca temem revoluções occultas.

(Continuar-se-ha.)

---

*Verdade indisputavel.*

Nada ha mais justo, e necessario nos governos representativos, que a liberdade de escrever. He preciso negar ao homem o dom da palavra, com que o Creador o distinguio de todos os animaes, para lhe negar tambem o direito de a transmitir. Principia o homem na infancia a aprender a fal-

---

ERRATAS.

Na folha N.º 15, 2.ª pagina, 1.ª columna, onde se acha = fosteis com a infalivel = lêa-se = fosteis huns ignorantes da infalivel, &c.

Em o N.º 16 ondo se lê = bramindo desesperação = lêa-se = bramindo de desesperação.